

HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL

CAIO
PRADO
JÚNIOR

26ª EDIÇÃO



editora brasiliense

SUMÁRIO

PRELIMINARES (1500-1530)

1. O meio geográfico
2. Caráter Inicial e Geral da Formação Econômica Brasileira
3. Primeiras Atividades. A Extração do Pau-Brasil

A OCUPAÇÃO EFETIVA (1530-1640)

4. Início da Agricultura
5. Atividades Acessórias

EXPANSÃO DA COLONIZAÇÃO (1640-1770)

6. Novo Sistema Político e Administrativo na Colônia
7. A Mineração e a Ocupação do Centro-Sul
8. A Pecuária e o Progresso do Povoamento no Nordeste
9. A Colonização do Vale Amazônico e a Colheita Florestal

APOGEU DA COLÔNIA (1770-1808)

10. Renascimento da Agricultura
11. Incorporação do Rio Grande do Sul – Estab. da Pecuária
12. Súmula Geral Econômica no Fim da Era Colonial

A ERA DO LIBERALISMO (1808-1850)

13. Libertação Econômica
14. Efeitos da Libertação
15. Crise do Regime Servil e Abolição do Tráfico

O IMPÉRIO ESCRAVOCRATA E A AURORA BURGUESA (1850-1889)

16. Evolução Agrícola
17. Novo Equilíbrio Econômico
18. A Decadência do Trabalho Servil e Sua Abolição
19. Imigração e Colonização
20. Síntese da Evolução Econômico do Império

A REPUBLICA BURGUESA (1889-1930)

21. Apogeu de um Sistema
22. A Crise de Transição
23. Expansão e Crise da Produção Agrária
24. A Industrialização
25. O Imperialismo

A CRISE DE UM SISTEMA (1930-?)

26. A Crise de um Sistema
27. A Crise em Marcha

POST SCRIPTUM EM 1976

ANEXOS

Moeda Brasileira

População do Brasil em Diferentes Épocas

Comércio Exterior do Brasil de 1821 a 1965

Bibliografia

PRELIMINARES

1500-1530

1

O Meio Geográfico

EM CONJUNTO, o Brasil se apresenta em compacta massa territorial, limitada a leste por uma linha costeira extremamente regular, sem sinuosidades acentuadas nem endentações, e por isso, em geral, desfavorável à aproximação humana e utilização nas comunicações marítimas; e a oeste, por territórios agrestes, de penetração e ocupação difíceis (e por isso, até hoje ainda, muito pouco habitados), estendidos ao longo das fraldas da Cordilheira dos Andes, e barrando assim as ligações com o litoral Pacífico do continente. O Brasil, embora ocupe longitudinalmente a maior parte do território sul-americano, volta-se inteiramente para o Atlântico.

Passemos rapidamente em revista este cenário geográfico imenso (mais de 8 ½ milhões de km²) onde se desenrola a história econômica que vamos analisar. Sua primeira unidade regional, e historicamente a mais importante, é constituída pela longa faixa costeira que borda o Oceano. De largura variável, mas não excedendo nunca algumas dezenas de quilômetros de profundidade (além dos quais o meio geográfico já muda de feição), ela conserva apreciável unidade de condições desde o Extremo-Norte até aproximadamente o paralelo de 26°, onde a influência da latitude mais elevada já começa a se fazer sentir no clima, e se refletirá por conseguinte na vida econômica. Esta faixa, embora com variações locais mais ou menos importantes, é, em regra, formada de terras baixas, submetidas a clima nitidamente tropical, de calores fortes e regulares, e com chuvas abundantes (salvo, quanto a este último elemento, em trecho relativamente curto, compreendido entre os paralelos de 2°30' e 6°, que é extremamente seco). Seus solos são férteis, e prestam-se admiravelmente, por tudo isto, à agricultura tropical que efetivamente servirá de base econômica não somente da sua ocupação pelos colonos europeus, mas de ponto de partida e irradiação da colonização de todo o país.

Para trás desta faixa litorânea estendem-se as demais regiões brasileiras. Com uma exceção apenas, o Extremo-Norte, a bacia amazônica, elas se apartam nitidamente, do ponto de vista geográfico, do litoral. Na saliência do Nordeste, grosseiramente entre os paralelos de 2° e 15°, seguem-no para o interior extensos territórios semi-áridos, imprestáveis em geral para a agricultura corrente. Tal circunstância deteve a expansão do povoamento que se

aglomerou nos núcleos litorâneos, ficando o interior quase ao abandono, e apenas raramente ocupado por dispersas fazendas de gado.

Ao sul do paralelo de 15°, outra circunstância geográfica oporá uma barreira à penetração: o relevo. Acompanhando a faixa costeira, estende-se daí para o sul o desenvolvimento abrupto da Serra do Mar que forma o rebordo oriental de um elevado planalto de altitudes médias oscilando entre 600 e mais de 1.000 metros, e que em vez de inclinar-se para o mar, volta-se para o coração do continente; o que faz com que os rios excepcionalmente se dirijam para a costa. A maior parte deles, e sobretudo os de maior volume, correm para o interior em demanda da bacia do rio Paraná.

As condições para a penetração do território não são portanto, aí, muito favoráveis. E até hoje constituem sério embaraço oposto às comunicações para além do litoral. Mas ao contrário do interior nordestino, o planalto centro-meridional brasileiro oferece esplêndidas condições naturais para o estabelecimento do homem. Além do clima temperado pela altitude, solos férteis e bem regados por chuvas regulares e um sistema hidrográfico normal – ao contrário do interior nordestino semi-árido, onde a maior parte dos rios é de curso intermitente. Finalmente, o planalto brasileiro encerra abundantes recursos minerais. Tudo isto atraiu para ele a colonização, que o procurará desde o início, mas particularmente, em grandes massas humanas, a partir do século XVIII. Ele concentra hoje a maior parcela da população brasileira.

Compreende-se nele o território de vários dos atuais Estados: a parte ocidental do Rio de Janeiro, Minas Gerais, grande parte de Goiás (a outra pertence mais à bacia amazônica), sul de Mato Grosso, e a maior parcela (com exceção apenas do litoral) dos quatro Estados meridionais: São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.¹ É muito variável na sua paisagem geográfica. Pode ser grosseiramente dividido em três setores: um setentrional, de grande altitude (até mil metros e mais) e relevo acidentado. Compreende-se aí sobretudo o Estado de Minas Gerais, cujo nome já indica sua função econômica essencial: a mineração, do ouro e dos diamantes no passado, e hoje em dia, principalmente do ferro, além de outros minerais. O setor meridional do planalto estende-se de São Paulo para o sul. Desaparecem aí as serranias alcantiladas de Minas Gerais, substituídas por um relevo mais uniforme e unido que se reveste de uma sucessão de florestas sub-tropicais (os excessos da latitude são corrigidos pela altitude) e de campos naturais. No lugar daquelas, onde o solo é mais fértil, instalou-se a agricultura, avantajada por um clima privilegiado em que se dão perfeitamente, lado a lado, as mais variadas espécies vegetais, desde as dos trópicos até as das zonas temperadas. Os campos se aproveitaram para a pecuária.

A parte ocidental do planalto, onde ele descamba para o rio Paraguai (que corre em altitude inferior a 300 m), forma um setor à parte, composto de um conjunto de planícies herbosas e terrenos alagadiços. Localizado em situação de difícil acesso, sem grandes

¹ Em rigor, a parte meridional deste último fica além do planalto, cujo rebordo sul atravessa o Estado, pelo centro, de leste para oeste.

recursos naturais, este setor esperará até o séc. XIX para ser efetivamente ocupado pela colonização; será a pecuária sua principal e quase única atividade econômica.

Resta-nos, para completar este rápido esboço da geografia brasileira, o Extremo-Norte. Nesta altura, o interior, ao contrário das outras partes do país, abre-se para o mar pelo delta do Amazonas, desembocadura de um imenso sistema hidrográfico, sem paralelo no mundo, que se estende sobre uma área de 6.400.000 km² (dos quais 3.800.000 em território brasileiro) e é formado de cursos d'água de grande volume, em boa parte perfeitamente navegáveis até por embarcações de vulto. A penetração foi, por isso, muito fácil. É a isto aliás que a colonização luso-brasileira deveu o domínio sobre o vasto interior do continente sul-americano que de direito cabia aos hispano-americanos segundo os primeiros acordos ajustados entre as duas coroas ibéricas. Mas estes últimos, vindos do Ocidente, esbarraram com o obstáculo da Cordilheira dos Andes, onde os detiveram, aliás, as minas de metais preciosos e a abundante mão-de-obra indígena que lá encontraram. Não se opuseram por isso ao avanço de seus concorrentes tão avantajados pela geografia. Mas se os rios amazônicos oferecem esplêndida via de penetração e trânsito, e são assim altamente favoráveis ao homem, doutro lado a floresta equatorial que os envolve, densa e semi-aquática – nas enchentes as águas fluviais alagam extensões consideráveis das margens. – representa grande obstáculo à instalação e progresso humanos. Em particular ao europeu, afeiçoado a climas mais frios e desconcertado ante as asperezas da selva bruta. A colonização apenas encetará muito modestamente o ataque da floresta, e estender-se-á numa ocupação rala e linear pelas margens dos rios, caminho da penetração e única via possível de comunicações e transportes até os dias de hoje.

São estas as condições naturais que os colonizadores europeus encontraram no território que formaria o Brasil. Outra circunstância ainda pesará muito nos seus destinos econômicos: a população indígena que o habitava. Ao contrário do México e dos países andinos, não havia no território brasileiro senão ralas populações de nível cultural muito baixo. Não seria grande, por isso, o serviço que prestariam aos colonos que foram obrigados a se abastecer de mão-de-obra na África. Os indígenas brasileiros não se submeteram com facilidade ao trabalho organizado que deles exigia a colonização; pouco afeitos a ocupações sedentárias (tratava-se de povos semi-nômades, vivendo quase unicamente da caça, pesca e colheita natural), resistiram ou foram dizimados em larga escala pelo desconforto de uma vida tão avessa a seus hábitos. Outros se defenderam de armas na mão; foram sendo aos poucos eliminados, mas não sem antes embaraçar consideravelmente o progresso da colonização nascente que, em muitos lugares e durante longo tempo, teve de avançar lutando e defendendo-se contra uma persistente e ativa agressividade do gentio.

2

Caráter Inicial e Geral da Formação Econômica Brasileira

PARA SE compreender o caráter da colonização brasileira é preciso recuar no tempo para antes do seu início, e indagar das circunstâncias que a determinaram. A expansão marítima dos países da Europa, depois do séc. XV, expansão de que a descoberta e colonização da América constituem o capítulo que particularmente nos interessa aqui, se origina de simples empresas comerciais levadas a efeito pelos navegadores daqueles países. Deriva do desenvolvimento do comércio continental europeu que até o séc. XIV é quase unicamente terrestre e limitado, por via marítima, a uma mesquinha navegação costeira e de cabotagem. Como se sabe, a grande rota comercial do mundo europeu que sai do esfacelamento do Império do Ocidente, é a que liga por terra o Mediterrâneo ao mar do Norte, desde as repúblicas italianas, através dos Alpes, dos cantões suíços, dos grandes empórios do Reno, até o estuário do rio onde estão as cidades flamengas. No séc. XIV, mercê de uma verdadeira revolução na arte de navegar e nos meios de transporte por mar, outra rota ligará aqueles dois pólos do comércio europeu: será a marítima que contorna o continente pelo estreito de Gibraltar. Rota que subsidiária a princípio, substituirá afinal a primitiva no grande lugar que ela ocupava. O primeiro reflexo desta transformação, a princípio imperceptível, mas que se revelará profunda e revolucionará todo o equilíbrio europeu, foi deslocar a primazia comercial dos territórios centrais do continente, por onde passava a antiga rota, para aqueles que formam a sua fachada oceânica, a Holanda, a Inglaterra, a Normandia, a Bretanha, a Península Ibérica.

Este novo equilíbrio firma-se desde princípios do séc. XV. Dele derivará, não só todo um novo sistema de relações internas do continente como, nas suas conseqüências mais afastadas, a expansão européia ultramarina. O primeiro passo estava dado, e a Europa deixará de viver recolhida sobre si mesma para enfrentar o Oceano. O papel de pioneiro nesta nova etapa caberá aos portugueses, os melhores situados, geograficamente, no extremo desta península que avança pelo mar. Enquanto os holandeses, ingleses, normandos e bretões se ocupam na vida comercial recém-aberta, e que bordejando e envolve pelo mar o ocidente europeu, os portugueses vão mais longe, procurando empresas em que não encontrassem concorrentes mais antigos já instalados, e para o que contavam com vantagens geográficas apreciáveis: buscarão a costa ocidental da África, traficando aí com os mouros que dominavam as populações indígenas. Nesta avançada pelo Oceano descobrirão as Ilhas (Cabo Verde, Madeira, Açores), e continuarão perlongando o continente negro para o sul. Tudo isso se passa ainda na primeira metade do séc. XV. Lá por meados dele, começa a se desenhar um plano mais amplo: atingir o Oriente contornando a África. Seria abrir para seu proveito uma rota que os poria em contacto direto com as opulentas Índias das

preciosas especiarias, cujo comércio fazia a riqueza das repúblicas italianas e dos mouros, por cujas mãos transitavam até o Mediterrâneo. Não é preciso repetir aqui o que foi o périplo africano, realizado afinal depois de tenazes e sistemáticos esforços de meio século.

Atrás dos portugueses lançam-se os espanhóis. Escolheram outra rota: pelo Ocidente, ao invés do Oriente. Descobrirão a América, seguidos de perto pelos portugueses que também toparão com o novo continente. Virão depois dos países peninsulares, os franceses, ingleses, holandeses, até dinamarqueses e suecos. A grande navegação oceânica estava aberta, e todos procuravam tirar partido dela. Só ficarão atrás aqueles que dominavam o antigo sistema comercial terrestre ou mediterrâneo, e cujas rotas iam passando para o segundo plano: mal situados geograficamente com relação às novas rotas, e presos a um passado que ainda pesava sobre eles, serão os retardatários da nova ordem. A Alemanha e a Itália passarão para um plano secundário a par dos novos astros que se levantavam no horizonte: os países ibéricos, a Inglaterra, a França, a Holanda.

Em suma e no essencial, todos os grandes acontecimentos desta era a que se convencionou com razão chamar de "descobrimientos", articulam-se num conjunto que não é senão um capítulo da história do comércio europeu. Tudo que se passa são incidentes da imensa empresa comercial a que se dedicam os países da Europa a partir do séc. XV e que lhes alargará o horizonte pelo Oceano afora. Não têm outro caráter a exploração da costa africana e o descobrimento e a colonização das Ilhas pelos portugueses, o roteiro das índias, o descobrimento da América, a exploração e ocupação de seus vários setores. É este último o capítulo que mais nos interessa aqui; mas não será, em sua essência, diferente dos outros. É sempre como traficantes que os vários povos da Europa abordarão cada uma daquelas empresas que lhes proporcionarão sua iniciativa, seus esforços, o acaso e as circunstâncias do momento em que se achavam. Os portugueses traficarão na costa africana com marfim, ouro, escravos; na Índia irão buscar especiarias. Para concorrer com eles, os espanhóis, seguidos de perto pelos ingleses, franceses e demais, procurarão outro caminho para o Oriente; a América, com que toparam nesta pesquisa, não foi para eles, a princípio, senão um obstáculo oposto à realização de seus planos e que devia ser contornado. Todos os esforços se orientam então no sentido de encontrar uma passagem cuja existência se admitiu a priori. Os espanhóis, situados nas Antilhas desde o descobrimento de Colombo, exploram a parte central do continente: descobrirão o México; Balboa avistará o Pacífico; mas a passagem não será encontrada. Procura-se então mais para o sul: as viagens de Solís, de que resultará a descoberta do Rio da Prata, não tiveram outro objetivo. Magalhães será seu continuador, e encontrará o estreito que conservou o seu nome e que constitui afinal a famosa passagem tão procurada; mas ela se revelará pouco praticável e será desprezada. Enquanto isto se passava no sul, as pesquisas se ativam para o norte; a iniciativa cabe aqui aos ingleses, embora tomassem para isto o serviço de estrangeiros, pois não contavam ainda com pilotos bastante práticos para empresas de tamanho vulto. As primeiras pesquisas serão empreendidas pelos italianos João Cabôto e seu filho Sebastião. Os

portugueses também figurarão nestas explorações do Extremo Norte com os irmãos Corte Real, que descobrirão o Labrador. Os franceses encarregarão o florentino Verazzano de iguais objetivos. Outros mais se sucedem, e embora tudo isto servisse para explorar e tornar conhecido o novo mundo, firmando a sua posse pelos vários países da Europa, não se encontra a almejada passagem que hoje sabemos não existir². Ainda em princípios do séc. XVII, a Virgínia Company of London incluía, entre seus principais objetivos, o descobrimento da brecha para o Pacífico que se esperava encontrar no continente.

Tudo isto lança muita luz sobre o espírito com que os povos da Europa abordam a América. A idéia de povoar não ocorre inicialmente a nenhum. É o comércio que os interessa, e daí o relativo desprezo por estes territórios primitivos e vazios que formam a América; e inversamente, o prestígio do Oriente, onde não faltava objeto para atividades mercantis. A idéia de ocupar, não como se fizera até então em terras estranhas, apenas com agentes comerciais, funcionários e militares para a defesa, organizados em simples feitorias destinadas a mercadejar com os nativos e servir de articulação entre rotas marítimas e os territórios cobiçados, mas ocupar com povoamento efetivo, isto só surgiu como contingência, necessidade imposta por circunstâncias novas e imprevistas. Aliás, nenhum povo da Europa estava em condições naquele momento de suportar sangrias na sua população, que no séc. XVI ainda não se realizara de todo das tremendas devastações da peste que assolara o continente nos dois séculos precedentes. Na falta de censos precisos, as melhores probabilidades indicam que em 1500 a população da Europa ocidental não ultrapassava a do milênio anterior.

Nestas condições, "colonizar" ainda era entendido como aquilo que dantes se praticava; fala-se em colonização, mas o que o termo envolve não é mais que o estabelecimento de feitorias comerciais, como os italianos vinham de longa data praticando no Mediterrâneo, a Liga Hanseática no Báltico, mais recentemente os ingleses, holandeses e outros no Extremo-Norte da Europa e no Levante, como os portugueses fizeram na África e na Índia. Na América a situação se apresenta de forma inteiramente diversa: um território primitivo, habitado por rala população indígena incapaz de fornecer qualquer coisa de realmente aproveitável. Para os fins mercantis que se tinham em vista, a ocupação não se podia fazer como nas simples feitorias, com um reduzido pessoal incumbido apenas do negócio, sua administração e defesa armada; era preciso ampliar estas bases, criar um povoamento capaz de abastecer e manter as feitorias que se fundassem, e organizar a produção dos gêneros que interessavam seu comércio. A idéia de povoar surge daí e só daí.

Aqui, ainda Portugal foi um pioneiro. Seus primeiros passos neste terreno são nas ilhas do Atlântico, postos avançados, pela identidade de condições para os fins visados, do continente americano; e isto ainda no séc. XV. Era preciso povoar e organizar a produção: Portugal realizou estes objetivos brilhantemente. Repe-

²Também se tentou, a partir de meados do séc. XVI, a passagem para o Oriente pelas regiões árticas, a Europa e Ásia. A iniciativa cabe ao mesmo Sebastião Caboto, que já encontramos na América, e mais uma vez a serviço dos ingleses (1553).

ti-lo-á na América.

Os problemas do novo sistema de colonização, implicando a ocupação de territórios quase desertos e primitivos, terão feição variada, dependendo em cada caso das circunstâncias particulares com que se apresentam. A primeira delas será a natureza dos gêneros aproveitáveis que cada um daqueles territórios proporcionará. A princípio, naturalmente, ninguém cogitará de outra coisa que não sejam produtos espontâneos, extrativos. É ainda quase o antigo sistema de feitorias puramente comerciais. Serão as madeiras de construção ou tinturarias (como o pau-brasil entre nós), na maior parte deles; também as peles de animais e a pesca no Extremo-Norte, como na Nova Inglaterra; a pesca será particularmente ativa nos bancos da Terra Nova onde, desde os primeiros anos do séc. XVI, possivelmente até antes, se reúnem ingleses, normandos, vasconhos. Os espanhóis serão os mais felizes: toparão desde logo nas áreas que lhes couberam com os metais preciosos, a prata e o ouro do México e do Peru. Mas os metais, incentivo e base suficiente para o sucesso de qualquer empresa colonizadora, não ocupam na formação da América senão um lugar relativamente pequeno. Impulsionarão o estabelecimento e a ocupação das colônias espanholas citadas; mais tarde, já no séc. XVIII, intensificarão a colonização portuguesa da América do Sul e levá-la-ão para o centro do continente. Mas é só.³ Os metais, que a imaginação escaldante dos primeiros exploradores pensava encontrar em qualquer território novo, esperança reforçada pelos prematuros descobrimentos castelhanos, não se revelaram tão disseminados como se esperava. Na maior extensão da América ficou-se, a princípio, exclusivamente nas madeiras, nas peles, na pesca; e a ocupação de territórios, seus progressos e flutuações subordinam-se por muito tempo ao maior ou menor sucesso daquelas atividades. Viria depois, em substituição, uma base econômica mais estável, mais ampla: seria a agricultura.

Não é meu intuito entrar aqui nos pormenores e vicissitudes da colonização européia na América. Mas podemos, e isto muito interessa nosso assunto, distinguir duas áreas diversas, além daquela em que se verificou a ocorrência de metais preciosos, em que a colonização toma rumos inteiramente diversos. São elas as que correspondem respectivamente às zonas temperada, de um lado, tropical e subtropical, do outro. A primeira, que compreende grosseiramente o território americano ao norte da Baía de Delaware (a outra extremidade temperada do continente, hoje países platinos e Chile, esperará muito tempo antes de tomar forma e significar alguma coisa), não ofereceu realmente nada de muito interessante, e permanecerá, ainda por muito tempo, adstrita à exploração de produtos espontâneos: madeiras, peles, pesca. Na Nova Inglaterra, nos primeiros anos da colonização, viam-se até com maus olhos quaisquer tentativas de agricultura que desviavam das feitorias de peles e pesca as atividades dos poucos colonos presentes. Se esta área temperada se povoou, o que aliás só ocorre depois do séc. XVII, foi por circunstâncias muito especiais. É a situação interna da Europa, em particular da Inglaterra, as suas lutas político-religiosas que desviam para a América as atenções de populações que não se sentem

³ Se excetuarmos, quase em nossos dias, o rush da Califórnia e do Alasca.

à vontade e vão procurar ali abrigo e paz para suas convicções. Isto durará muito tempo; pode-se mesmo assimilar o fato, idêntico no fundo, a um processo que se prolongará, embora com intensidade variável, até os tempos modernos, o século passado. Virão para a América puritanos e quakers da Inglaterra, huguenotes da França, mais tarde morávios, schwenkjelders, inspiracionistas e menonitas da Alemanha meridional e Suíça. Durante mais de dois séculos despejar-se-á na América todo o resíduo das lutas político-religiosas da Europa. É certo que se espalhará por todas as colônias; até no Brasil, tanto afastado e por isso tanto mais ignorado, procurarão refugiar-se huguenotes franceses (França Antártica, no Rio de Janeiro). Mas concentrar-se-á quase inteiramente nas da zona temperada, de condições naturais mais afins às da Europa, e por isso preferidas para quem não buscava "fazer a América", mas unicamente abrigar-se dos vendavais políticos que varriam a Europa e reconstruir um lar desfeito ou ameaçado.

Há um fator econômico que também concorre na Europa para este tipo de emigração. É a transformação econômica sofrida pela Inglaterra no correr do séc. XVI, e que modifica profundamente o equilíbrio interno do país e a distribuição de sua população. Esta é deslocada em massa dos campos, que de cultivados se transformam em pastagens para carneiros cuja lã iria abastecer a nascente indústria têxtil inglesa. Constitui-se aí uma fonte de correntes migratórias que abandonam o campo e vão encontrar na América, que começa a ser conhecida, um largo centro de afluência. Também estes elementos escolherão, de preferência e por motivos similares, as colônias temperadas. Os que se dirigem mais para o sul, para as colônias incluídas na zona subtropical da América do Norte, porque nem sempre lhes foi dado escolher seu destino com conhecimento de causa, fá-lo-ão apenas, no mais das vezes, provisoriamente; o maior número deles refluirá mais tarde, e na medida do possível, para as colônias temperadas.

São assim circunstâncias especiais que não têm relação direta com ambições de traficantes ou aventureiros, que promoverão a ocupação intensiva e o povoamento em larga escala da zona temperada da América. Circunstâncias aliás que surgem posteriormente ao descobrimento do novo continente, e que não se filiam à ordem geral e primitiva de acontecimentos que impelem os povos da Europa para o ultramar. Daí derivará também um novo tipo de colonização que tomará um caráter inteiramente apartado dos objetivos comerciais até então dominantes neste gênero de empresas. O que os colonos desta categoria têm em vista é construir um novo mundo, uma sociedade que lhes ofereça garantias que no continente de origem já não lhes são mais dadas. Seja por motivos religiosos ou meramente econômicos (estes impulsos aliás se entrelaçam e sobrepõem), a sua subsistência se tornara lá impossível ou muito difícil. Procuram, então, uma terra ao abrigo das agitações e transformações da Europa, de que são vítimas, para refazerem nela sua existência comprometida. O que resultará deste povoamento, realizado com tal espírito e num meio físico muito aproximado do da Europa, será naturalmente uma sociedade que embora com caracteres próprios, terá semelhança pronunciada com a do continente de onde se origina. Será pouco mais que um simples prolongamento dele.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

